

# Coro e Orquestra Gulbenkian

**Joana Carneiro**

**Ilse Eerens**

**Gerhild Romberger**

**Tuomas Katajala**

**Alexander Grassauer**



GULBENKIAN  
MÚSICA



**09 + 10 mai 24**

**09 mai 24** QUINTA 20:00

**10 mai 24** SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

## **Coro e Orquestra Gulbenkian**

**Joana Carneiro** Maestra

**Ilse Eerens** Soprano

**Gerhild Romberger** Meio-Soprano

**Tuomas Katajala** Tenor

**Alexander Grassauer** Baixo-Barítono

**Inês Tavares Lopes** Maestra do Coro Gulbenkian

### **Ludwig van Beethoven**

Sinfonia n.º 9, em Ré menor, op. 125, "Coral"

1. *Allegro ma non troppo, un poco maestoso*
2. *Scherzo: Molto vivace – Presto*
3. *Adagio molto e cantabile*
4. *Presto – Allegro assai – O Freunde, nicht diese Töne! – Allegro assai*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 75 min.

CONCERTO SEM INTERVALO

# Ludwig van Beethoven

(Bona, 1770 – Viena 1827)

## Sinfonia n.º 9, em Ré menor, op. 125, “Coral”

—

COMPOSIÇÃO 1822-1824

ESTREIA Viena, 7 de maio de 1824

DURAÇÃO c. 75 min.

A 7 de maio de 1824, há precisamente dois séculos atrás, estreava-se no Kärntnertortheater, em Viena, a Sinfonia n.º 9 de Ludwig van Beethoven. Composta entre 1822 e 1824, a obra era dedicada a Frederico Guilherme III, rei da Prússia, que governara durante as Guerras Napoleónicas. Para além daquela que seria a sua última sinfonia, foram interpretadas a Abertura op. 124, “A Consagração da Casa”, bem como o *Kyrie*, o *Credo* e o *Agnus Dei* da *Missa Solemnis*. Perante um teatro lotado, a receção da obras foi de enorme entusiasmo. Num episódio anedótico, corroborado pelo testemunho de outros presentes na estreia, o virtuoso pianista Sigismond Thalberg recordaria, anos mais tarde, que no final do concerto seria a contralto Caroline Unger a chamar a atenção de Beethoven para os efusivos aplausos que a sua então total falta de audição impedia de escutar. De facto, na última década da sua vida, e sobretudo a partir de 1818, Beethoven via a sua saúde a deteriorar-se, a par com uma série de agruras pessoais e familiares, nomeadamente com a custódia e educação do sobrinho Karl. Contudo, após uma série de anos de parca produção, o período que culminaria com a escrita da *Nona Sinfonia* seria marcado por este novo ímpeto criativo, a que se somariam, para além

da já citada *Missa Solemnis*, as duas últimas Sonatas para Piano (op. 110 e op. 111), as *11 Bagatelas* op. 119, e as *Variações Diabelli*.

É impossível separar a nossa perceção de Beethoven da receção da sua obra, paradigmática na cultura ocidental. Beethoven tem vindo a representar o ideal de superação heroica, fundamental na criação do conceito de “artista”, com profunda influência nos compositores que o sucederam e no pensamento sobre música. Se é verdade que a produção e a receção da arte é, de algum modo, sempre ideológica, a história da receção de Beethoven e da sua música oferece inúmeros exemplos de apropriação política e de monumentalização ideológica. As sinfonias de Beethoven viriam a servir de baluarte “espiritual” da ideia de nação germânica, logo desde o século XIX, marcado entre outros eventos fundadores pela vitória alemã na guerra Franco-Prussiana, em 1870, no centenário do nascimento de Beethoven. Richard Wagner e Otto von Bismarck reverenciavam Beethoven como epítome do espírito germânico, sendo que esta ligação prosseguiria para o século XX, da I Grande Guerra Mundial ao III Reich nazi. Mas, muito além das fronteiras germânicas, nos últimos dois séculos,

a música de Beethoven tem servido de símbolo e representação de força moral, usada nas mais variadas circunstâncias e propósitos, das propagandas totalitárias à defesa dos direitos humanos e da fraternidade, sobrevivendo a todas as apropriações.

A *Nona Sinfonia* é justamente um dos casos mais interessantes desta presença musical transversal, talvez a obra que mais contribuiu para o estatuto que é conferido a Beethoven, com a sua “Ode à Alegria” a ser considerada ainda hoje “a mais convincente imagem sonora da utopia”<sup>1</sup>. São incontáveis e contraditórios os usos passados e presentes da Sinfonia n.º 9: nos Jogos Olímpicos; nos festejos de aniversário de Adolf Hitler; como hino da antiga república da Rodésia; nas competições da UEFA; nos altifalantes empunhados pelos estudantes na Praça de Tiananmen; na resistência à ditadura de Pinochet no Chile; como hino do Conselho da Europa e, a partir de 1985, da União Europeia; bem como no cinema, e na cultura e música popular. Como exemplo emblemático, num momento que ficaria para a história, e com uma transmissão televisiva mundial que congregou milhões de pessoas, a Sinfonia n.º 9 foi ouvida nas comemorações da queda do Muro de Berlim que antecipou a reunificação da Alemanha, em dezembro de 1989, com uma orquestra e coralistas de várias proveniências, sob a direção de Leonard Bernstein, que insistiu em substituir

a palavra *Freude* (Alegria) por *Freiheit* (Liberdade) no coral final.

No que diz respeito a Portugal, seria necessário aguardar um pouco mais de um século para podermos assistir à primeira apresentação da Sinfonia n.º 9. A estreia teve lugar a 28 de fevereiro de 1925, no Teatro São Luiz, pela Orquestra Sinfónica Portuguesa e o Orfeon Donostiarra, sob a batuta do maestro Pedro Blanch. Num enorme esforço logístico, foram trazidos de “S. Sebastian até Lisboa 160 figuras” o que refletiu um “sincero desejo de ir ao encontro das aspirações do público, sem pensar em interesses materiais”<sup>2</sup>. No *Diário de Lisboa*<sup>3</sup>, o compositor Luís de Freitas Branco, aqui no seu papel de crítico, refletia sobre a estreia portuguesa “da mais conhecida das sinfonias, daquela cujo prestígio permite que lhe chamem «a nona», sem mais”. Ciente da relevância da obra, Freitas Branco assinalava o “acto de audácia que transcende para fora dos limites de um acontecimento puramente musical, para ter o significado maior, de acto por excelência social e de civilização”, criticando esta extraordinária demora, “lamentável num país culto”.

Trata-se, de facto, de uma sinfonia com um enorme impacto, escrita em plena Restauração, ao cabo de uma época que havia visto o nascimento do conceito moderno da música de cariz político de que são exemplo os hinos nacionais,

---

<sup>1</sup> Esteban Buch, *La Neuvième de Beethoven: Une histoire politique*, Éditions Gallimard, Paris, 1999.

<sup>2</sup> JACS, “Teatros, Música e Cinemas”, in *A Capital*, 28/2/1925.

<sup>3</sup> Luís de Freitas Branco, “Canto e música – A nona sinfonia de Beethoven e o orfeon Donostiarra”, in *Diário de Lisboa*, 3/3/1925.

símbolos dos então emergentes estados-nação. No que diz respeito à visão de Beethoven, do heroísmo das sinfonias anteriores, passamos agora para o emergir de um sentimento pela alegria da Humanidade, pelo amor da Criação no seu sentido mais lato, então e sempre em perigo pela rigidez dos costumes, da sociedade, dos tempos. Na *Nona*, a expansão da forma sinfónica explorada desde a *Heroica* atinge o seu auge, evocando tanto o universo militar quanto o universo religioso, o hino ritual, a um tempo sagrado e profano, através do qual os homens celebram em coro o facto de estarem juntos: pela primeira vez a voz humana irrompe no seio da música sinfónica.

A sinfonia é construída sobre quatro andamentos e exige uma orquestra massiva para a época, apresentando-se, num certo sentido, um trabalho de retrospectão do seu ideal sinfónico, nesta sua última fase. Anunciando as complexidades da estrutura da obra, o inicial *Allegro ma non troppo, un poco maestoso*, assenta numa forma sonata alargada e na tonalidade de Ré menor, que apenas dificilmente se impõe às ambiguidades tonais que permeiam o andamento. A inquietação e tensão dominantes conduzirão a uma longa coda em que os motivos e temas anteriores se entrelaçam para terminar num uníssono *fortissimo*. O segundo andamento, *Molto vivace*, apresenta um tripartido *scherzo-trio-scherzo*, em compasso ternário, com a forma sonata subjacente ao *scherzo*. Tem início na tonalidade de Ré menor e modula para Ré maior, antecipando o terceiro andamento, *Adagio molto e cantabile*,

que se caracteriza por um lirismo desarmante e contemplativo, em Si bemol maior e sobre a forma de tema e variações. O *Finale* é o andamento responsável pelo epíteto da obra, “Coral”, e é marcado por inúmeras dicotomias: revolta e redenção, som e silêncio, ruído e harmonia, caos e ordem, poesia e música. Beethoven explicita aqui uma série de indicações agógicas e de andamento e retoma a forma sonata e o tema e variações, assente de novo na tonalidade de Ré menor, sempre em alternância com a tonalidade maior. Após uma tumultuosa introdução orquestral, o lirismo de um tema de uma simplicidade popular desconcertante emerge inteiro nos graves do contrabaixo antes de circular pela restante orquestra até ao seu efusivo esplendor. E inesperadamente: *O Freunde, nicht diese Töne!*, exulta Beethoven, na voz do barítono, pedindo que, em contrapartida entoemos algo de mais agradável, num apelo à alegria ébria, à amizade, à irmandade. *An die Freude*, a Ode de Friedrich Schiller, que perseguia o compositor desde a sua juventude, emerge agora nos solistas do quarteto vocal e num coro, como que para resolver os conflitos sentidos nos andamentos orquestrais anteriores. O restante andamento é toda uma viagem por entre a reverberação das cantatas revolucionárias francesas, os ritmos reminiscentes do imaginário marcial dos janízaros turcos e secções contrapontísticas instrumentais que culminam numa enorme fuga assente em temas dos andamentos anteriores. Num final glorioso, Beethoven reclama o espírito do Iluminismo e o desejo imenso de encarnar a ponte entre o passado e o futuro.

ROSA PAULA ROCHA PINTO

## Joana Carneiro

Joana Carneiro é a atual Maestra Convidada Principal da Real Filharmonia de Galicia. Foi Maestra Convidada da Orquestra Gulbenkian (2006-2018), Maestra Titular da Orquestra Sinfónica Portuguesa (2014-2022) e Diretora Musical da Sinfónica de Berkeley (2009-2018). Em 2002, Joana Carneiro foi *American Symphony Orchestra League Conducting Fellow* na Filarmónica de Los Angeles. Nos domínios sinfónico e da ópera, tem sido convidada a dirigir as mais prestigiadas orquestras da Europa, das Américas e da Ásia. Recentemente, dirigiu a Sinfónica da BBC, a Philharmonia Orchestra, a Sinfónica Escocesa da BBC, a Orquestra de Câmara Escocesa, a Sinfónica Nacional Irlandesa, a Sinfónica de Gotemburgo, a Sinfónica de Gävle, as Filarmónicas de Helsínquia e Bruxelas, a Sinfónica de Castela e Leão, a Filarmónica de Hong-Kong, a Orquestra de Pequim e a Sinfónica do Estado de São Paulo. Para além de voltar a dirigir a Orquestra Gulbenkian e a National Arts Centre Orchestra (Canadá), os destaques da temporada 2023-24 incluem estreias com a Orchestre National de Bordeaux-Aquitaine (França), a Musikkollegium Winterthur Orchester (Suíça), a Royal Scottish National e BBC National Orchestra of Wales (Reino Unido) e a Filarmónica de Bremen (Alemanha). Joana Carneiro nasceu em Lisboa e diplomou-se em Direção de Orquestra pela Academia Nacional Superior de Orquestra, onde estudou com Jean-Marc Burfin. Concluiu o mestrado na Northwestern University, com Victor Yampolsky e Mallory Thompson, e o doutoramento na Universidade do Michigan, com Kenneth Kiesler. Em 2004 foi agraciada pelo então Presidente da República, Jorge Sampaio, com a *Comenda da Ordem do Infante D. Henrique*. Em 2010 recebeu o Prémio Helen M. Thompson, atribuído pela Liga das Orquestras Americanas.

## Ilse Eerens

Voz luminosa, sensibilidade e versatilidade, são algumas das reconhecidas qualidades de Ilse Eerens. A soprano belga interpreta um vasto repertório, que se estende do Barroco até à contemporaneidade. Em 2023-24, regressa ao Festival Takefu, no Japão, interpreta a Sinfonia n.º 2 de Mahler no La Monnaie, a *Oratória de Natal* de J. S. Bach, com o Nederlands Kammerkoor e o maestro Peter Dijkstra, *Le vin herbé* de Frank Martin, com o NDR Vokalensemble, *A Criação* de J. Haydn, com o Vlaams Radiokoar, cantatas de Bach, com Ton Koopman e a Amsterdam Baroque Orchestra e colabora em concertos com a Het Residentie Orkest, a Zürcher Kammerorchester e o ensemble barroco PRJCT Amsterdam. As temporadas mais recentes incluíram atuações na Royal Opera House, no Festival de Salzburgo, no Theater an der Wien, na Ópera de Lyon, na Ópera de Lille, no Concertgebouw de Amesterdão, no Teatro Colón de Buenos Aires, no Teatro dell'Opera di Roma, no Festival de Adelaide (Austrália) e no Festival de Bregenz. Entre outros papéis, interpretou Pamina (*A flauta mágica*), Mélisande (*Pelléas et Mélisande*), papéis principais em *A raposinha matreira* de Janáček, *Matsukaze* de Toshio Hosokawa e *Der Kreidekreis* de Zemlinsky, bem como *Jeanne d'Arc au bûcher* de Honegger, *As bodas de Figaro*, *Così fan tutte* e *Lucio Silla* de Mozart, *Béatrice et Benedict* de Berlioz, *Der Rosenkavalier* de R. Strauss, *Un baile de máscaras* de Verdi, *Guilherme Tell* de Rossini, *Cinderela* de Massenet e *Le Grand Macabre* de Ligeti. Ilse Eerens estudou no Instituto Lemmens, em Lovaina, e na Academia da Ópera Nacional dos Países Baixos. Recebeu o Prémio Arleen Auger no Concurso Internacional de Canto de 's-Hertogenbosch (Países Baixos) e foi 3.<sup>a</sup> classificada no Concurso Internacional da ARD (2006).

## Gerhild Romberger

Gerhild Romberger aborda um vasto repertório para contralto e meio-soprano, desde o Barroco até à música contemporânea. Estudou na Universidade de Música de Detmold e aperfeiçoou-se com Heiner Eckels, Mitsuko Shirai e Hartmut Höll. É muito solicitada como professora de canto. As sinfonias de Gustav Mahler estarão em destaque na temporada 2023-24. Gerhild Romberger abre e fecha a temporada com a 2.<sup>a</sup> Sinfonia, mas antes atua no Mónaco com a Filarmónica de Monte Carlo e em Katowice com a Sinfónica da Rádio Polaca. Aceitou também um convite do Canadá para colaborar na interpretação da 3.<sup>a</sup> Sinfonia com a Sinfónica de Toronto. Outro foco da temporada incide na 9.<sup>a</sup> Sinfonia de Beethoven, que interpreta com a Orquestra Gulbenkian, a Filarmónica da Radio France, em Paris, e a Elbphilharmonie Orchestra de Hamburgo, sob a direção de Joana Carneiro, Mikko Franck e Alan Gilbert. Nos últimos anos, são de assinalar momentos de significativo sucesso na sua carreira, nomeadamente os concertos com o maestro Manfred Honeck, que a convidou para interpretar, entre outras obras, as Sinfonias de Mahler, a *Missa solemnis* de Beethoven e a *Grosse Messe* de Walter Braunfels. Destacam-se ainda as suas colaborações com a Filarmónica de Berlim e Gustavo Dudamel, a Filarmónica de Los Angeles e os maestros Herbert Blomstedt e Zubin Mehta, e a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig e os maestros Riccardo Chailly e Andris Nelsons. Gerhild Romberger é uma convidada regular das Sinfónicas de Viena e Bamberg, entre outras, sob a direção de Daniel Harding, da Filarmónica do Teatro alla Scala de Milão, sob a direção de Franz Welser-Möst e Riccardo Chailly, da Filarmónica de Viena e Andris Nelsons e da Sinfónica da Rádio da Baviera e Mariss Jansons, Bernard Haitink e Sir Simon Rattle.

## Tuomas Katajala

Tuomas Katajala alcançou notável sucesso como cantor de ópera e como solista de concerto. Estudou na Academia Sibelius de Helsínquia, em Roma e em Amesterdão. Mantém uma longa relação profissional com a Ópera Nacional Finlandesa de Helsínquia e com o Festival de Ópera de Savonlinna, onde se estreou como Tamino, em *A flauta mágica*. Em seguida, aperfeiçoou-se na Accademia Rossiniana e interpretou o papel de Libenskopf em *Il Viaggio a Reims*, sob a direção de Alberto Zedda, no Festival Rossini de Pesaro. Os destaques de anteriores temporadas de ópera incluem, entre outros desempenhos: Tamino (*A flauta mágica*), na Royal Opera House – Covent Garden, na Staatsoper Unter den Linden Berlin e na Ópera de Lille; Conde de Almaviva (*O barbeiro de Sevilha*), na Komische Oper Berlin; Ferrando (*Così fan tutte*), na Ópera de Seattle; o Timoneiro (*O Navio Fantasma*), em Helsínquia e, em versão de concerto, com a Accademia Nazionale di Santa Cecilia, em Roma; Don Ottavio (*Don Giovanni*), na Ópera Nacional Finlandesa e Belmonte (*O Rapto do Serralho*), no Festival de Ópera de Savonlinna. O vasto repertório de concerto do tenor finlandês inclui as grandes obras de J. S. Bach, Händel, Mozart, J. Haydn, Beethoven, Mendelssohn, Bruckner, Mahler e Britten. Apresentou-se em muitos festivais de música nos Estados Unidos da América (Avery Fisher Hall de Nova Iorque), em França (Salle Pleyel de Paris), na Alemanha (Laeiszhalle de Hamburgo), na Escandinávia, em Espanha, no Reino Unido (Festival de Glyndebourne) e no Japão. A temporada 2023-24 incluiu estreias como Lohengrin, no Festival de Ópera de Savonlinna, e como Erik (*O Navio Fantasma*), em Pequim, bem com uma nova produção de *Dialogues des Carmélites* (Chevalier de la Force), na Ópera Nacional Finlandesa.

## Alexander Grassauer

Alexander Grassauer começou a estudar canto com Sigrid Rennert em Bruck an der Mur, na Áustria, tendo prosseguido a sua formação com Karlheinz Hanser e Florian Boesch na Universidade de Música e Artes Cénicas de Viena. Recebeu outros impulsos artísticos de Ramon Vargas, Robert Holl e Elina Garanča. Nos palcos de ópera, interpretou Masetto (*Don Giovanni*), no Stadttheater Baden, perto de Viena, Marquês d'Obigny (*La traviata*), no Festival de Klosterneuburg, Figaro (*As bodas de Figaro*), no Schlosstheater Schönbrunn, Orador (*A flauta mágica*), numa digressão a Xangai, e Frank (*O Morcego*), na Deutsche Oper am Rhein, em Düsseldorf. Nas últimas temporadas, as apresentações em concerto incluíram a 9.<sup>a</sup> Sinfonia de Beethoven, em Banguécoque e no Festival de Salzburgo, a *Paixão segundo São João* de J. S. Bach e o *Messias* de Händel, no Konzerthaus de Viena, o *Requiem* de Mozart, na Alemanha, *Paulus* de Mendelssohn, no Musikverein de Viena, *Cristo no Monte das Oliveiras* de Beethoven, no Tiroler Festspiele Erl, e duas apresentações nos concertos ao ar livre KS Elina Garanča “Klassik unter Sternen” e “Klassik in den Alpen”, no verão de 2019. Na temporada 2020-21, foi membro permanente da companhia do Staatstheater am Gärtnerplatz, em Munique. Alexander Grassauer foi premiado em vários concursos internacionais, com destaque para primeiros prémios no Concurso de Canto Hariclea Darclée, na Roménia, no Concurso Internacional Brahms (ambos em 2017) e no 24.º Concurso de Canto Ferruccio Tagliavini, e segundo prémio no Concurso Internacional de Lied Hugo Wolf, em Estugarda (2022). Recebeu também o prémio para o melhor jovem talento do 4.º Concurso Internacional Otto Edelmann, em Viena, e o 1.º prémio do certame KS Elina Garanča's Future Voices initiative.

# Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto *a cappella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras. No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmonica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris. O Coro Gulbenkian participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. Inês Tavares Lopes é maestra adjunta e Jorge Matta é consultor artístico.

---

## COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

## PRODUÇÃO

Fátima Pinho

Marta Ferreira de Andrade

Joaquina Santos

## SOPRANOS

Ana Bela Covão  
Ana Raquel Sousa  
Anna Kássia  
Ariana Russo  
Beatriz Ventura  
Carla Frias  
Claire Santos  
Cristina Ferreira  
Maria João Sousa  
Maria José Conceição  
Mariana Moldão  
Marisa Figueira  
Mónica Beltrão  
Mónica Santos  
Rosa Caldeira  
Rosário Azevedo  
Sara Afonso  
Tânia Viegas  
Teresa Duarte  
Verónica Silva

## CONTRALTOS

Ana Urbano  
Beatriz Cebola  
Bianca Varela  
Carmo Coutinho  
Catarina Saraiva  
Elsa Gomes  
Estrela Martinho  
Fátima Nunes  
Joana Esteves  
Joana Nascimento  
Liliana Silva  
Lucinda Gerhardt  
Madalena Barão  
Mafalda Borges Coelho  
Manon Marques  
Maria Forjaz Serra  
Marta Queirós  
Michelle Rollin  
Patrícia Mendes  
Rita Tavares

## TENORES

Aníbal Coutinho  
Artur Afonso  
Bruno Sales  
Dinis Rodrigues  
Diogo Pombo  
Francisco Cortes  
Gustavo Paixão  
Hugo Martins  
Jaime Bacharel  
João Almeida  
João Barros  
João Custódio  
João Pedro Afonso  
Jorge Leiria  
Nuno Raimundo  
Pedro Miguel  
Pedro Rodrigues  
Rui Aleixo  
Sérgio Fontão  
Simão Pourbaix

## BAIXOS

Afonso Moreira  
Alexandre Gomes  
Gonçalo Freitas  
Henrique Coelho  
Hugo Wever  
João Barros da Silva  
João Costa  
João Líbano Monteiro  
João Luís Ferreira  
José Bruto da Costa  
Luís Pereira  
Mário Almeida  
Miguel Carvalho  
Miguel Jesus  
Nuno Gonçalo Fonseca  
Pedro Casanova  
Rui Bôrras  
Rui Gonçalo  
Tomé Azevedo

# Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

## PRIMEIROS VIOLINOS

Francisco Lima Santos CONCERTINO  
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR  
Pedro Pacheco  
Alla Javoronkova  
David Wahnnon  
Ana Beatriz Manzanilla  
Elena Ryabova  
Maria Balbi  
Maria José Laginha  
Otto da Casa de Pereira  
Catarina Ferreira  
Matilde Araújo  
Piotr Rachwal  
Flávia Marques  
César Nogueira\*

## SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA  
Zachary Spontak 1º SOLISTA  
Jorge Teixeira 2º SOLISTA  
Tera Shimizu  
Stefan Schreiber  
Margarida Queirós  
Camille Bughin  
Francisca Fins  
Asilkan Pargana  
Miguel Simões  
Félix Duarte  
Catarina Resende  
Rui Cristão\*

## VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA  
Lu Zheng 1º SOLISTA  
João Tiago Dinis 2º SOLISTA  
Nuno Soares  
Sara Moreira  
Maria Inês Monteiro  
Sara Farinha  
Márcia Marques  
Raquel Noemi  
Iris Almeida

# Orquestra Gulbenkian

## VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA  
Martin Henneken 1º SOLISTA  
Raquel Reis 2º SOLISTA  
Jeremy Lake  
Gonçalo Lélis  
Hugo Paiva  
João Valpaços  
Maria Leonor Moniz

## CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA  
Domingos Ribeiro 1º SOLISTA  
Manuel Rego 2º SOLISTA  
Marine Triolet  
Miguel Menezes  
Diogo Pereira  
Raquel Leite\*

## FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA  
Sónia Pais 1º SOLISTA  
Amalia Tortajada 2º SOLISTA

## OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA  
Nelson Alves 1º SOLISTA  
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA  
CORNE INGLÊS

## CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA  
Telmo Costa 1º SOLISTA  
José Maria Mosqueda 2º SOLISTA  
CLARINETE BAIXO

## FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA  
Vera Dias 1º SOLISTA  
Raquel Saraiva 2º SOLISTA  
CONTRAFAGOTE

## TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA  
Kenneth Best 1º SOLISTA  
Pedro Fernandes 2º SOLISTA  
Antonia Chandler 2º SOLISTA  
Kevin Cardoso 2º SOLISTA\*

## TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA  
Pedro Freire 1º SOLISTA  
José Pedro Pereira 2º SOLISTA

## TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA  
Rui Fernandes 2º SOLISTA  
Thierry Redondo 2º SOLISTA  
TROMBONE BAIXO

## TUBA

Amilcar Gameiro 1º SOLISTA

## TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

## PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA  
Cristiano Rios 2º SOLISTA\*  
Tomás Rosa 2º SOLISTA\*  
Ryoco Imai 2º SOLISTA\*

\* Instrumentista convidado

---

## COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

## PRODUÇÃO

Américo Martins  
Marta Ferreira de Andrade  
Pedro Canhoto  
Fábio Cachão  
Inês Nunes

# Gulbenkian Música

Temporada 24/25

© PEDRO PINA



GULBENKIAN  
MÚSICA

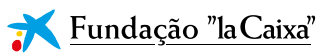
**Apresentação**

**23 maio** 18:00

Grande Auditório

GULBENKIAN.PT

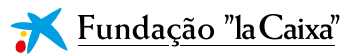
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



# Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS  
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS  
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS  
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS  
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS  
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

